



Boletim GeoÁfrica

Volume 1, Número 3, 2022

EDITORIAL

O TURISMO NA ÁFRICA SUBSAARIANA: DESAFIOS E PERSPECTIVAS



Por Antonio Gomes de Jesus Neto e José Júlio Júnior Guambe

1

Antonio Gomes de Jesus Neto
Doutorando no Programa de Pós-Graduação
em Geografia Humana (PPGH),
Universidade de São Paulo (USP)
Membro do GeoÁfrica
<https://orcid.org/0000-0001-7483-7274>
Contato: antoniogjneto@yahoo.com.br

José Júlio Júnior Guambe
Geógrafo, Professor, Pesquisador e Director
do Programa de doutoramento em Geografia
da Faculdade de Ciências da Terra e
Ambiente (FCTA), Universidade Pedagógica
de Maputo (UPM).
Membro do GeoÁfrica
<https://orcid.org/0000-0002-0224-1903>
Contato: jjjguambe137@gmail.com

Como citar:
JESUS NETO, A. G.; GUAMBE, J. J. J. Editorial.
O turismo na África subsaariana: desafios e
perspectivas. **Boletim GeoÁfrica**, v. 1, n. 3, p. 1-
5, jul.- set. 2022.



EDITORIAL

O TURISMO NA ÁFRICA SUBSAARIANA: DESAFIOS E PERSPECTIVAS



Existente nos países africanos desde o período colonial, e tendo passado por idas e vindas no pós-independência (sobretudo nos países que sofreram com guerras em seus territórios no período), o turismo foi identificado como uma atividade econômica fundamental no continente a partir dos anos 1990/2000, potencialmente propulsora do desenvolvimento por sua geração de receitas e empregos, e pela construção de infraestruturas necessárias a seu funcionamento (transportes, acomodação, saneamento, etc.). O turismo passou, então, a fazer parte do planejamento dos Estados africanos nas últimas décadas, alcançando porcentagens relevantes do PIB em determinados países, mas após anos de crescimento constante, o setor foi duramente atingido pela pandemia de Covid-19 (em 2020), com a interrupção de voos internacionais e a diminuição drástica da mobilidade de pessoas pelo mundo (e especialmente a de turistas). É com base neste quadro que apresentamos, neste Número 3 do Boletim GeoÁfrica, o *Dossiê Turismo na África Subsaariana: desafios e perspectivas*, que fornece um quadro tanto histórico quanto contemporâneo do turismo no continente, abordando distintos agentes, escalas, modalidades e alternativas dessa atividade econômica hoje fundamental para os países africanos, e especialmente Moçambique e Cabo Verde, mais amplamente discutidos no presente número.

Abrindo o dossiê, o professor José Julião da Silva fornece, em entrevista concedida ao *Boletim GeoÁfrica*, um panorama muito completo do turismo em Moçambique, ao elencar e discutir os papéis dos diferentes agentes dessa atividade econômica no país, relacioná-la ao desenvolvimento nacional, problematizar sua formação teórica e prática, e refletir sobre as consequências da vulnerabilidade do território moçambicano para a atividade turística.

Na sequência, a bacharel em turismo Carina Santos compartilha suas experiências vanguardistas com o Afroturismo no Brasil, revelando, em entrevista concedida ao *Boletim GeoÁfrica*, as fontes de inspiração desse movimento, seu público-alvo principal, e suas



experiências com o turismo em países da África, sugerindo novas possibilidades de turismo para além das grandes agências e dos destinos tradicionais (e estereotipados) do continente.

Ainda na esteira desse turismo “alternativo” no continente africano, o primeiro artigo do dossiê, intitulado *Geossítios e seu potencial contributo para o turismo alternativo em Moçambique*, de autoria de Alberto José Paulino Silva, explora novas possibilidades para o turismo moçambicano para além dos chamados “turismo de sol e praia” e de “parques e reservas naturais”. Com base em técnicas de geoprocessamento, o autor mapeou e visitou potenciais (geo)ssítios turísticos no Centro do país (províncias de Tete e Manica), apresentando aos leitores lugares com formações geológicas particulares e possibilidades de funções terapêuticas, além de possuírem também significações religiosas e históricas fundamentais para uma maior compreensão da sociedade moçambicana. Ao final, o autor propõe também um sistema de gestão desses geossítios, visando sua incorporação oficial no planejamento turístico nacional de maneira mais ampla.

Dando sequência ao dossiê, Dário Manuel Isidoro Chundo e Maria Rosa Ligório Noteque deslocam a discussão sobre turismo para o espaço urbano, através de uma análise sobre *A experiência turística de consumo de souvenirs na cidade de Maputo*, também em Moçambique. Após resgatar a discussão teórica sobre a função simbólica dos souvenirs, os autores apresentam resultados de trabalhos de campo com vendedores e turistas na capital moçambicana, identificando os principais tipos de artefatos comprados e mapeando a presença de pontos de venda (estimulados pela demanda) na cidade. Deste modo, os autores mobilizam a discussão sobre outros agentes envolvidos com o turismo em Moçambique, para além dos estabelecimentos hoteleiros, de alimentação e transportes.

A despeito dessas dinâmicas emergentes do turismo no continente africano, setores tradicionais como o de transportes continuam sendo fundamentais para a atividade turística, e é esse o assunto principal do artigo *Comércio Internacional e o agravamento da crise dos aeroportos e do setor de turismo na África – estudo comparativo entre Cabo Verde e Moçambique*, de Celso Branquinho Mário Dodo e Luís Miguel Dias Caetano. Assim, além de Moçambique, os autores introduzem a discussão sobre o turismo em Cabo Verde, destacando o papel desse setor para a economia caboverdiana – seja na participação do PIB, na geração de empregos ou na diminuição da pobreza. Fundamental para o turismo (sobretudo em um arquipélago oceânico), os autores destacam também a importância do transporte aéreo e da empresa Cabo Verde Airlines, e



fazendo um comparativo com Moçambique, contabilizam a diminuição drástica de voos internacionais ocasionada pela pandemia de Covid-19, com suas inevitáveis consequências para o setor turístico de ambos os países.

Por fim, e aprofundando ainda mais a discussão sobre o turismo em Cabo Verde, Rui Jacinto faz, no texto *Cabo Verde: turismo & morabeza. Motivações de viagem a um destino empático*, uma rica introdução da geografia do arquipélago, e apresenta as razões históricas, geográficas e culturais do turismo no país, mobilizando inclusive argumentos musicais e literários. Após essa introdução, e como proposta principal dessa seção de GeoImagens, o autor nos brinda com uma sequência belíssima de fotos de Cabo Verde, divididas em temas como o mar, a terra, o tempo, as pessoas e o turismo, fechando assim com chave de ouro nosso dossiê sobre o turismo na África subsaariana.



4

Na sessão *Varia*, no artigo *Caracterização morfométrica da bacia hidrográfica do Rio Zambeze: uma contribuição na identificação do grau de susceptibilidade a inundações no município de Tete*, os autores Wairose Miguel Wairose, Victor Benjamin Victor e Ringo Benjamin Victor fazem uma análise, baseada em geoprocessamento, sobre os riscos de inundação na cidade de Tete (Moçambique), perpassada pelo rio Zambeze e próxima à represa de Cahora Bassa. Como produto da investigação, os autores apresentam um mapa com as áreas mais suscetíveis a essas inundações, fornecendo assim subsídios ao governo nacional e provincial para a melhor gestão desse fenômeno, potencializado recentemente pelo aumento de chuvas na região decorrentes das mudanças climáticas em escala global.



Na sessão *Atualidades: Áfricas em Movimentos*, Antonio Gomes de Jesus Neto argumenta, no artigo *África do Sul, Etiópia e o deslocamento da circulação aérea africana no século XXI*, que o epicentro do transporte aéreo africano está se deslocando do Sul para o Leste do continente, acompanhando de alguma maneira a transição do centro hegemônico de acumulação capitalista em direção ao Oriente, e sobretudo à China. Dentro dessa discussão, o autor destaca o papel desempenhado pelo Estado na circulação aérea africana desde os seus primórdios na África do Sul,



atravessando o século XX e desembocando no Estado-desenvolvimentista etíope do século XXI, não por acaso fortemente influenciado pela experiência chinesa.



A sessão *Áfricas na Pós-Graduação* apresenta resultados de pesquisas de Mestrados e Doutorados recém-concluídos cujas temáticas, linhas de abordagem, procedimentos metodológicos e/ou contribuição teórico-conceitual são considerados relevantes. Nesta edição, o professor José Guambe, docente na Universidade Pedagógica de Maputo (UPM), apresenta sua Tese de Doutorado defendida em 2018, e que acompanhando o tema principal do dossiê temático deste número, versa sobre o turismo em Moçambique, especialmente na Zona Costeira de Inhambane.



5

Já para a sessão *Experiências culturais*, aberta à expressão de ideias, reflexões e ensaios de caráter mais pessoal e subjetivo, apresentamos nesta edição a subseção *As Áfricas entre as quatro linhas*, que propõe a discussão do esporte (e mais especificamente, o futebol) não apenas como reflexo das sociedades nacionais africanas, mas também como produtor dessas identidades. Para inaugurar a discussão, Antonio Gomes de Jesus Neto reflete sobre os rumos do futebol africano em 2022 através de uma pergunta fundamental, e que dá título ao texto: *Ganhar na África ou ganhar o mundo?*



Finalmente, na seção *Resenha*, a professora Suzete Lourenço Buque faz uma leitura crítica de um artigo, assinado por Kelane Oliveira, sobre a utilização do filme “Adú” no ensino de geografia da África, presente em uma coletânea sobre o tema organizada pelos professores Rosemberg Ferracini, Jhonatan Marcelino e Sávio Rodrigues. Destacando positivamente a abordagem da autora, a professora Suzete pontua, por outro lado, que a escolha do recurso audiovisual apropriado precisa sempre ser cuidadoso, para não reforçar velhos estereótipos sobre o continente africano.

Boa Leitura!!!